

N.º 10. — 2.º ANNO.

20 DE MAIO DE 1885

A ILLUSTRACÃO

NUMERO ESPECIAL DO SALON DE PARIS



PREÇO D'ESTE NUMERO
Avulso. . . . 1000 Rs.

O SALON DE PARIS

NA sua última crítica da exposição de Bellas-Artes que se realiza todos os annos em maio, no Palácio d'Industria, Albert Wolff, o illustre chronista do *Figaro*, escrevia o seguinte :

Plus nous allons, plus le Salon ne devient pas seulement un événement parisien, mais un grand incident dans la vie française.

Ora as grandes manifestações da vida franceza, especialmente as da vida artistica e da vida litteraria, constituem para o nosso publico um verdadeiro acontecimento. Os nossos pintores são pintores educados na corrente franceza; todos os homens de letras que trabalham em artistas a lingua portugueza, são francezes; e se o não são todos, é-o pelo menos a grande maioria. E o que ainda ha dias Eça de Queiroz explicava na minha presença a Emilio Zola, quando o romancista do *Germin* interrogava o romancista do *Padre Amaro*, acerca do estado actual da nossa litteratura (*). *Est por isso que a Ilustração achou do seu dever publicar um numero exclusivamente consagrado ao Salon de 1885.* As difficuldades que se tiveram de vencer para offerecer este numero aos nossos assignantes foram enoçmas. Mas se o publico estiver do nosso lado, este numero servirá apenas para lhe dar uma vaga ideia do que tencionamos fazer nos annos futuros, graças aos progressos da typographia e aos ultimos melhoramentos da photogravura.

E fallemos do Salon :

O que me parece hoje interessante é dar aos meus leitores uma rapida ideia historica do que seja o Salon, porque os documentos não abundam, e os que existem não são do dominio publico. O Salon já não interessa somente Paris; interessa todos os países onde a arte é alguma coisa, e esse alguma coisa começa a tomar vulto tanto em Portugal como no Brazil. No Rio de Janeiro já se fazem exposições de quadros como em Lisboa, o que prova a existencia de pintores, como muito bem dizia o sr. Calisto, ea existencia d'um publico d'elite — o que constitue um facto que se deve registar com regosijo. Os criticos nascem, e já os vemos nas revistas e nas folhas diarias quebrando pennas por *parisgens* e *marinhas*. E d'aqui a pouco os artistas fluminenses tambem hão de ter o seu café, pintado e decorado por elles, como este *Leão d'ouro* que se acaba de abeir em Lisboa, e onde ha uma tela de Columbano que, na opinião de Eça de Queiroz, é o trabalho mais notavel do moço pintor. — Tentemos portanto das origens do Salon.

Em 1648, Mazarin, seguindo as tradições do cardeal Richelieu que fundára a Academia franceza, pensou em fundar uma Academia de



JEAN-PAUL LAURENS. — FAUSTO

Bellas-Artes, ideia que levou a bom porto. Mas apesar dos estatutos da Academia prescreverem uma exposição annual dos pintores academicos — os pintores riram-se das boas intenções do cardeal, e os annos correram sem o publico ter occasião de admirar quadros. Nisto a que podemos chamar *O destaque do pinçel* interveio duas vezes Luiz XIV, em 1663 e em 1666. Apesar da insistencia do monarcha nem por isso as exposições seguiram vida prospera. A corte comprava todos os quadros e isto era o essencial. E os pintores, n'um accesso de supremo desdém aristocratico, nenhum caso faziam da *raté populaire*.

A primeira exposição a serio, a valter, aquella que merece verdadeiramente o nome de exposição, foi a que se realizou em 1667. Todos os pintores da Academia mandaram os quadros que tinham

feito nos ultimos dois annos. A exposição organisou-se ao ar livre, nas galerias do Palais-Royal. O successo foi grande. D'aqui por diante, os pintores da corte começaram a perceber que nem só os aristocratas se interessavam pelas cousas d'arte, que o publico tambem sabia applaudir, e applaudir com enthusiasmo o *pinçel* de panno onde uma agglomeração harmonica de pinceladas revela um talento e uma arte... As exposições passaram a ser biennales. Até 1671 não houve catalogo. Mas em 1673 appareceu o primeiro, feito sob a direcção do Perrault.

É necessario, porém, insistir um pouco na exposição que se realizou em 1669, por ter sido a mais brilhante. Mazarin tinha designado uma peção ao rei, pedindo-lhe para proteger a Academia e os pintores, e patrociná-las as exposições. O rei pôe immediatamente a disposição da Academia de Bellas-Artes a grande galeria do seu palácio do Louvre. Mantendo a disposição dos pintores todas as ricas tapeçarias do palácio, para elles decorarem o espaço onde foram installados os quadros. E Luiz XIV honrou com a sua presença a exposição, que ficou tão celebre como algumas que se fizeram sob os auspícios de Napoleão I e de Napoleão III.

Apesar do grande successo de 1669, o enthusiasmo dos pintores foi esmorecendo pouco a pouco; houve mesmo um período de vinte e um annos sem sombra de exposição! Em 1725 realisa-se uma no *salon quadrado* do Louvre (*salon carrel*). Ahi se fizeram outras exposições até 1848. E é d'esto nome — *salon carrel* — que vem o nome de Salon pelo qual se conhecem as exposições annuaes de pintura que se realisam em Paris.

De todo este período que vai de 1725 a 1848 o Salon que os historiadores apontam como mais notavel para a arte franceza, é o de 1737. E os historiadores tem razão. Na exposição de 1737 figuraram não só todos os artistas celebres do reinado de Luiz XIV, mas tambem os que mais tarde fizeram brilhar o reinado de Luiz XV e de Luiz XVI. Indiquemos ao acaso alguns nomes dos pintores que fizeram successo n'esse anno — Lancret, conhecido pelo nome de « rival de Watteau »; Charles Perronneau, o famoso pintor das bacchus de Luiz XV; e entre os *jovens* distinguam-se estes senhores que se chamam simplesmente Chardin, Boucher, ou La Tour.

Greuze faz a sua appareção no Salon de 1769; e depois de Greuze começam a apparecer Joseph Vernat, Dayen, Fragonard, Casanova, Bouchardon, Pajou, Caffari, etc.

(*) Foi em Paris que Eça de Queiroz teve conhecimento da ultima chronica da Ilustração. E como eu lhe dissees o quanto Zola desejava conhecê-lo, fomos visitar o illustre romancista na manhã de 3 de maio. A entrevista foi immensamente curiosa, e será este o assumpto da minha proxima chronica.

Km 10,10 este período as exposições deixam de ser aglomerações amadoras de quadras, para se transformarem, pouco a pouco, em acontecimentos artísticos, onde não faltam nem locais, nem público. Os des-cobertos que começam a causar um certo ruído. Vão desaparecendo a chamada dos artistas alienados em paraisio, e vem surgindo a chamada dos artistas independentes. Sem-se que está próximo o século XIX. Nos fins do século XVII surge David, revolucionando toda a arte com a sua paixão pelo amigo. E um dos grandes escândalos que produz, é quando protesta contra o sistema do Salon apenas organizado por académicos; e só a sua influência vemos em 1793 a Assembléa legislativa decidir, pie no Salon devam entrar não só as obras dos académicos, mas também as obras dos artistas extranhos à Académie, que queriam expor no salão de Louvre. Aqui tem os leitores, em assumptos d'arte, o acto mais revolucionário e mais democratico praticado nos fins do século XVII.

Essa decisão da Assembleia e o golpe mortal aplicados aos Sabins da Academia, virão inaugurar uma nova epocha litteraria. Este Sabino livre que se realizou em setembro de triz, ante apanice pela primeira vez Pradron, foi um enorme triumpho para David. Depois, vem-seo de clamar pouco a pouco com a decadencia da Revolucao, e a pouco ir seguindo as mesmas passões, incertezas e atormenticas da politica...

Ram 1808 o *Salon* de novo se levanta e de novo brilha. Formase um jury de censura formado dos membros das quatro classes do Instituto. O *Salon* de 8 é um dos mais bellos de todo o primeiro imperio. Vem-se quaes de David, de Girodat, de Gerard, de Gessner, de Guerin, de Heus, de Prud'hon, de Camille Vermet, de Guillonnet e de muitos outros não menos celebres. Todos temo ouvir falar do *quattro Napoleon* ! gostava das scenas espectaculosas... Pois é neste anno que Napoleão inaugura com uma pompa extraordinaria a solemnidade da distribuiçõ de premios aos artistas que mais se distinguiram. Existe mesmo um *quattro* de Gros onde se vê Napoleão (n'uma sala do Louvre, rodeado de toda a corte, damão a Darsiñ a cruz de official da Legião d'Honneur.

Em 1824 o bom rei Carlos X tratava de macaquear Napoleão, organisando tambem a sua solemnidadeinha para distribuir recompensas. Simplesmente no acto fereceem as injustiças, não sei se por tolhece da monarquia. Felizmente que não encontrou piazim para lhe immortalisar a scena... comico !

~~Chegamos à famosa época em que a revolução derruba a monarquia legítima.~~

De 1831 a 1848 os Salons são a grande expressão do romantismo triunfante, surgindo as famosas telas assinadas por Delacroix, Ingres, Delaunoy, Ary Schaffer, Couture, Rousseau, Diaz, Corot, Daubigny. Mas eis que rebenta a revolução de fevereiro de 48. Os artistas novos protestam contra o jury; e Ledru-Rollin, membro do governo provisório, proclama livre o Salon d'aquelle anno, instituindo, contudo, uma comissão de quarenta artistas encarregados de classificar as obras expostas.

A esta imensa liberdade succedeu uma enorme reacção, e logo no anno seguinte, em 1849, o jure é de novo estabelecido, e d'esta vez mais feroz que os antecedentes. O *Salon* de 1848 foi o ultimo que se realizou no Louvre. Em 49 passou para as *Thoorias* que estavam deshabitadas. Mas votta o imperio; Napoleão III entra para as *Thoorias*; e o *Salon* tem de lhe ceder o lugar, indo algar-se no Palais-Royal.

Em 1855, confiante-se com a secção de bellas-artes da exposição universal; e fica permanecendo n'um palacio provisório que n'aquelle anno se tinha construido nos Campos-Elizos.

Em 1863 o jury tem a habilitade de provocar taes protestos, de praticar tanto escandillo e tanta injustiça, que Napoleão III chega ao extremo de ir de encontro á corrente official, e ordenar uma exposição das obras recusadas. Entre os artistas que tinham sido recusados por esse famoso jury, apparecem os nomes de Fabian-Latour, do grande impressionista Manet, de Harpignies, de Volon, o celebre pintor de «natureza-morta», e de muitos outros não menos distinctos. Em 1864 o Salon passa a ser definitivamente annual; e annualmente o jury tem a particular habilitade de levantar protestos de todos os lados. E como as questões se succedem todos os annos entre jury e expositores, e como o Estado não quizesse continuar a ser o responsavel moral de tanta injustiça, o pelo menos o alvao para onde apontavam todos os artistas e todos os criticos mais ferozes e mais temidos — em 1880 o Salon passou das mãos do Estado para a Sociedade dos Artistas, existindo hoje a eleição pura e simples na formação do jury, o que nos poupa a assistir em menor quantidade a esta terrivel allexiño de facetas com que todos os annos era milmozeado o jury official.

A terceira República, sob o governo do sr. Grévy, veio pôr em ordem as velhas irregularidades e destruir os velhos privilégios. O Estado nada tem que ver com a obra do artista, que passou a ser um sujeito independente. O *Salon* é propriedade exclusiva dos artistas, e o Estado só re-

[illegible]

Atualmente este Salão — que, para ser mais de dois séculos de existência e de mais bellos que a França pôde ser — é um espírito artístico, abrindo ao mundo as portas de todos os países. Tenho, portanto, quatro grupos diferentes os trabalhos, detendo-se a regularização entre os países, e com o mesmo esforço artístico para produzirem a obra de arte em escola francesa, com a mesma sôfida subtil de execução e ideal esthetico.

Não ha hoje nenhum artista moderno sobre a Europa, me dirão, alguma coisa e que procurem ser do seu tempo — que não tenha sido mais ou menos influenciado por este estivo superior — *Impressionistas*, obras clássicas, dos românticos, *do realistas e dos impressionistas*. Ainda ha poucos annos se viu David e Delacroix reinando em to da academia do mundo. Hoje os modernos seguem Millet e *Van Gogh* procuram seguir este tróvão indolente e mal determinado, que Vérté de Manet foi abrindo na Arte, procurando advinhar por entre as bruscas irregularidades que nos legou o seu talento tão caprichoso. Um novo horizonte para a pintura. E se me deixo arrastar pela temença ir-resistível das citações, perguntarei aos *principes historizes* qual d'alles não tem sido vivamente impressionado por uma tela de Joazeff *Millet* ou Laocöne. Aos *animadistas*, qual d'alles não tem procurado educar os seus quadros de Troyen. Aos pintores de reinos onde encontram modelos mais bellos no genero, como os retratos de Dumas, de Cabanel de Boumard, de Meissonier, de Bastien-Lepage. Aos *grandes decoradores* o que seria d'ellas sem aprenderem a desenharem e a colorir como Cabanel, Bouguereau, Baudry ou Clairin? sem terem paulo um instante diante d'estes immensos poemas de graça e simplicidade antiga, que trazem a assignatura de Poussin de Charames? Aos *parangistas* o que poderiam elles fazer sem terem primeiro estudado Corot, Constable, Millet, Bastien-Lepage ou Cazin, as glorias da pintura franceza no seculo XIX.

Seu aliado por esse mundo muito ardido e muito crítico que odeia a arte franceza, que odeia o Paris-artístico. Estes odios são quasi sempre, ou resultado d'uma cega ignorancia, ou d'uma admiração exclusivista que nossos avós nos legaram pela escola italiana ou pela escola hespanhola. Italia e Hespanha gozaram do seu periodo de efflorescencia; hoje porém se vivem das tradições, e a sua produção artistica vem quasi sempre cheia de reminiscencias, trazendo a obra d'arte, não o sabor de novidade imprevista que um meio creador produz — mas a vaga recordação d'um passado que ja não satisfaz plenamente ao nosso espirito moderno...

A Inglaterra preocupando-se apenas com as suas questões comerciais, e trazendo sempre o espírito público em sobressalto com os acontecimentos terríveis e as complicações funestas de todas as aventuras de colônias. □ □ □

A Alemanha, aromática até aos dentes, obscecida pela sua constante preocupação militar, casernas e mais casernas, exercícios e mais exercícios.

Os países latinos, os países-artistas por excelência, lutando com uma política pacífica como a Alemanha, extinguindo-se em aventuras coloniais como a Itália.

E só em França encontramos uma multidão inteligente desprezando

a política, isto é, odiando a política aventureira; depois do desastre a que a arrestrou Napoleão III, rehabilitar-se perante o mundo civilisado com a sua exposição de '88; e ainda ha pouco tempo derrubar implacavelmente este ministerio Ferry que procurava aventuras militares no Tonkin — e tres dias depois recommençar com o mesmo ardor a sua existencia intellectual.

É sobre a carta da Europa no momento presente do nosso século, o unico paiz onde as Artes, as Letras e as Sciencias planam acima de toda e qualquer eventualidade política, vivendo vida livre, próspera e gloriosa.

Uma eleição ou uma modificação ministerial podem encontrar um certo eco na sala da Bolsa. Mas o que produz ruído em todo o mundo, o que obriga a fallar todos quantos tem uma razoavel educação mental, é mais um livro de Victor Hugo, de Renan ou de Zola; é mais um novo *Salon* que se abrio e um novo pintor que surge; é mais uma nova descoberta feita por Pasteur no isolamento do seu laboratorio.

É o que é que nos chama a attenção do lado d'Inglaterra? O desastre do Sudão; a situação na India e no Afghanistan; se o príncipe de Galles foi ou não foi assassinado na sua viagem eleitoral á Irlanda.

É do lado da Alemanha? A conferencia de Berlim; os amos com a Inglaterra; se Bismarck tem ou não tem do seu lado o Parlamento; se a internacional é ou não é um perigo; se o imperator corre ou não corre risco...

Evidentemente que n'estes e n'outros paizes ha tambem grandes e valiosos productos da intelligencia; mas o que se nota é que o livro, o quadro, a estatueta, o producto litterario, scientifico e artistico não está acima da politica, não vive n'uma região superior, visível a todos os olhos, como succede em França.

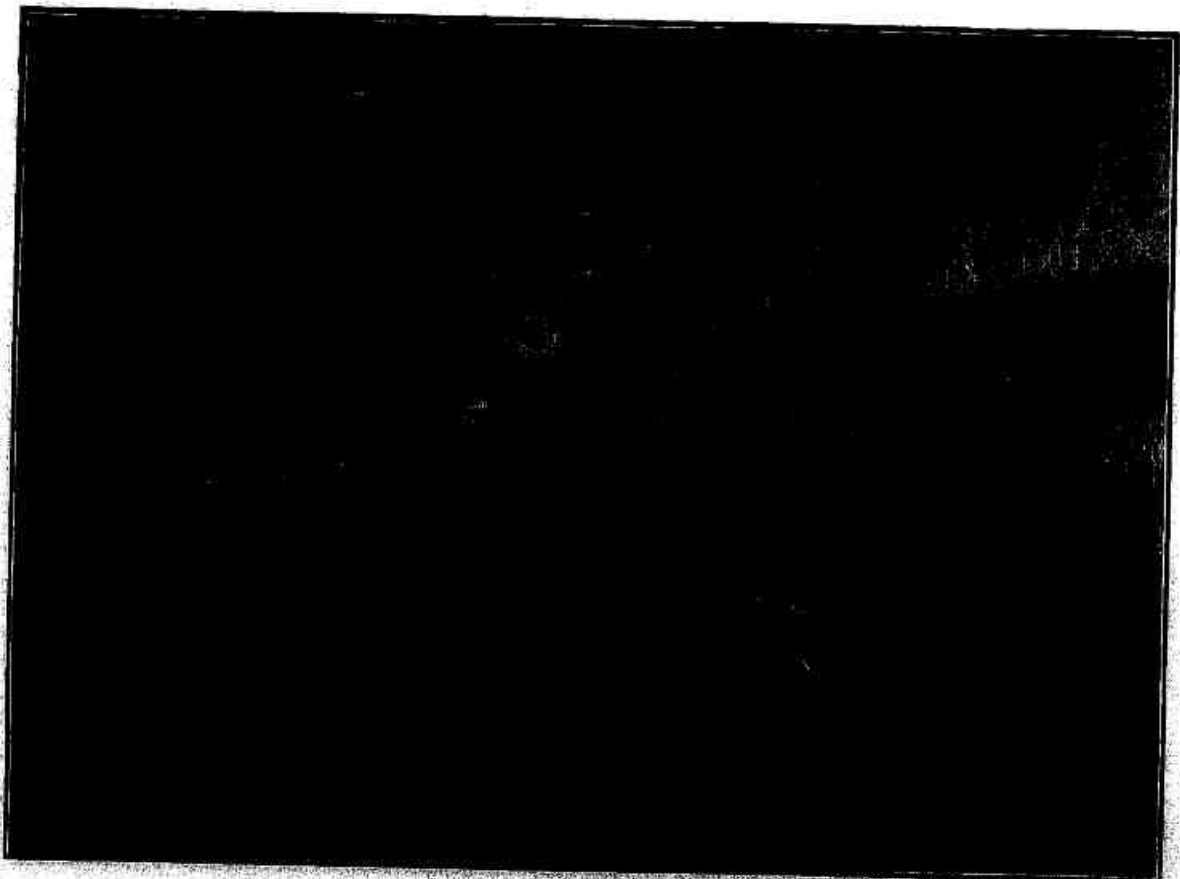
Bastantes detalhadamente de cada uma das obras notáveis expostas no *Salon* de 88, seria incommoamente fastidioso desde o momento que os meus leitores não tem diante dos olhos a reprodução de cada um dos quadros e que eu tenho de alludir. Este numero da *Illustration* será apenas para dar uma ideia pueril de algumas telas expostas. É uma rapida impressão superficial buscamente com os elementos de que ja hoje dispõe a photographia, que de anno para anno melhora d'um modo prodigioso. Cada uma das nossas reproduções é uma chapa photographica que entra na machina, que se impõe ao mesmo tempo ao lado do typo, que resiste a uma tiragem de 50,000 exemplares.

Se hoje não damos maior numero de quadros é pela simples razão de que os seus auctores os não tinham ainda concluidos na antevéspera da entrega official, sendo portanto impossivel obter-se a prova photographica. Mas em numeros seguintes iremos dando as obras que maior successo forem adquirindo, e mesmo repetiremos em grande formato de gravata em madeira assignalla pelo meu illustre collaborador Ch. Hamé, algumas das que hoje damos, e que são dignas de occupar maior espaço nas paginas da *Illustration*.

Este numero é apenas um ensaio. Mas para os annos seguintes havemos de duplicar o numero das paginas; e a *Illustration* terá a honra de offerecer a todos os seus assignantes um curioso album de cada *Salon* de Paris, para que possam avaliar que vasto lugar a Arte aqui occupa; como ella pode ser a suprema gloria d'um povo; e como não ha outra terra como Paris para saber ensinar ao mundo quanto respeito e quanto admiração se deve ter por toda a obra do espirito que revele o sagrado efforço d'uma intelligencia para atingir um ideal superior e justo — que edifica a alma do artista em toda a sua immensidade e em toda a sua pureza...

MARCO PINA.

H. GERVEX



OS MEMBROS DO JURY DE PINTURA



RODIN



VOLTERRA



CAFFARENA



BACCARELLI



CARACCIOLLO



MONTANARI BENIAMINO



CUSI



RUFFINI



FIEN-PALMER



SERVEY



RENNER



LAUSANI



NEGROY (AIME)



PUYIS DE CHAVANNE



RENUFF



ROLL

ARTISTAS CELEBRES

ARTISTAS CELEBRES

(RETRATOS Á PENNA)

BONNAT

Membro do Instituto de França. Reputação artística como um dos primeiros pintores de retratos da Europa. São celebres os seus quadros representando Thiers, Lesseps, Victor Hugo e Grévy. A *ILUSTRAÇÃO* publicou o magnifico retrato de Victor Hugo, feito por Bonnat, no n.º 14 do 1.º anno.

BOUGUEREAU

Membro do Instituto. Celebre pelas suas pinturas religiosas e mythologicas. Grande sciencia de desenho, extraordinaria moralidade e circumspecção de colorido, mas verdadeiramente notavel nas suas composições. Velho classico, extremamente sympathico á Academia. Poucas sympathias entre a geração nova. Telas perfeitas, mas onde falta o talento creador — dizem os criticos modernos. Em todo o caso, celebridade official...

BOULANGER

Idem, idem, idem... Tem um atelier celebre de sociedade com Lefèvre, na passagem dos Panoramas, em Paris. Aqui tem estudado muitos dos novos artistas, que tem por elle muito mais sympathia que por Bouguereau. Um dos seus discipulos é Rochegrosse, um dos talentos mais vigorosos da moderna geração. Tem alguns retratos magnificos; uma tela soberba inspirada de Shakespeare; simplesmente o quadro exposto este anno — Cornelia, mãe dos Grachos — não é dos mais felizes, por certos defeitos de composição...

JULES BRETON

Celebre pelas suas paisagens e pelas suas figuras de camponeses. Nas suas telas onde ha sempre de preferencia o amanhecer ou o pôr do sol, ha um grande cunho pessoal e um grande sentimento de poesia rustica.

CABANEL

Um classico intransigente; desdenhoso por tudo quanto é inovação ou revolução artistica; professor da Academia, immensamente estimado de todos os seus discipulos, aos quaes nunca contraria tendencias novas. A sua collecção de retratos é notabilissima. De todos os pintores officiaes é sem contestação o mais importante e de maior valor.

BENJAMIN CONSTANT

Orientalista. Os seus quadros são immensamente pittorescos, vivos de cor e de sol. Em todos elles muitos mouros, muitas odaliscas, muitas Almes, muitos serrallhos. O seu atelier é um dos mais ricos de Paris.

DUEZ

Pintor moderno, limitando-se ultimamente a fazer marinhas. Occupa um lugar brilhante entre os aguarellistas modernos. A *ILUSTRAÇÃO* já publicou um seu delicioso croquis de praias no n.º 8 do 1.º anno; e tambem um seu delicado quadro *Fim d'estação*, no n.º 13. Ultimamente expoz na galeria Petit alguns pastels, que tiveram um certo successo ao lado das obras de Nittis.

CAROLUS-DURAN

Antes de pegar no pincel asseveram os seus feliches que elle lavava o espirito de Velasquez. Mas a avaliar pelos seus retratos, onde ha apenas curiosos estudos de roupas, podemos concluir que Velasquez não está disposto a ouvir-lhe as preces!... Em todo o caso adquirio celebridade, e uma das obras verdadeiramente superiores que tem produzido é um esplendido retrato da filha da sra. duquesa de Palmella, feito por Duran quando foi chamado a Lisboa para pintar o retrato de S. M. a sra. D. Maria Pia. Se é celebre pelo pincel, tambem não é menos celebre pelo fôrre — sendo um dos primeiros tireiros de Paris. A *ILUSTRAÇÃO* tambem publicou um seu esplendido quadro, este Typo de belleza, que tanto successo existiu quando foi lançado o primeiro numero do nosso jornal, o numero de 5 de maio de 84.

FEVEN-PERRIN

A sua celebridade provém-lhe de ter querido sempre alindar a natureza! As suas telas são em geral a reprodução de typos de marinheiros. Mas as mulheres que elle nos mostra á beira mar, com rédes aos hombros ou sobraçando canastras, são peixeiras ideaes cujos modelos elle procura não pelas praias, mas por entre as cocottes de Paris. É um baile costumê de horizontaes, de perna nua, saias curtas, cabellos ao vento, calçando tamancos. Muito lindo, mas nada verdadeiro...

GERVEN

Um dos novos, de grande e merecida reputação. É um artista que não faz má figura ao lado de Bastien-Lepage ou ao lado de Roll. Quadros de genero de dimensões colossaes, onde tem estudado os typos e os costumes do povo de Paris. No ultimo numero da *ILUSTRAÇÃO* publicamos a sua deliciosa tela *A volta do baile*, e hoje publicamos o seu curioso quadro o *Jury do Salon*. O seu desenho é precioso e a sua pintura feita com grande largueza, tendo muitas vezes o aspecto de immensas aquarellas. Magnifico pastelista. Ha annos um seu quadro causou verdadeiro escandalo e foi recusado pelo jury, por immoral — porque representava brillantemente uma scena intima da Rolla de Musset.

HENNER

Um mestre! Um artista que pinta maravilhosamente, sendo talvez o unico artista moderno que saiba comprehender tão superiormente a forma humana, dispondo d'um prodigioso colorido e d'um prodigioso modelado. Os seus assumptos são sempre d'uma grande simplicidade — apenas estudos da figura humana, mas estudos feitos com uma arte e com um genio, para causar desespero ao mais profundo un sciencia de pintar.

PAUL-LAURENS

Um outro mestre. Um outro colorista eminente. Um pintor historico de primeira ordem. Todas as suas telas são verdadeiras obras-primas, destacando-se sobretudo as suas famosas decorações do Pantheon de Paris, scenas da vida e da morte de Santa Genoveva.

AIMÉ-MOROT

Um novo de immenso futuro. Medalha d'honra do Salon de Paris de 1891. O seu primeiro e ruidoso successo foi o Bom Samaritano. Depois expoz em 84 a sua obra-prima *Martyrio de Jesus de Nazareth*, de que a *ILUSTRAÇÃO* offereceu uma soberba gravura em madeira, no n.º 7 do 2.º anno, gravura devida a Ch. Baude. Grandes bellezas de desenho, de colorido e de composição. Tambem são celebres os seus esplendidos retratos.

PUVIS DE CHAVANNES

Um erudito pintor-decorador, um verdadeiro artista, produzindo telas d'uma grande simplicidade de colorido e de composição, mas d'esta simplicidade que só pode sair das mãos d'um artista de genio. São celebres as suas decorações do Pantheon, superiores ás decorações de Paul-Laurens e de Cabanel sob o ponto de vista decorativo, as unicas que vivem em prodigiosa harmonia por entre o estylo dos antigos monumentos architectonicos.

RENGUÉ

Um marinheiro em pintura. Pedacos d'oceano revoltos e furiosos em telas de cinco metros, onde se passam todos os dramas que fóra d'ali só podem estar á vontade sob vastidões de céos e amplitões immensas d'horizonte. Um arrojado, como os marinheiros que elle nos mostra dentro d'uma casca de noz, á mercê das ondas, e que vão prestar succor aos que se debatem com a morte... As suas telas são immensamente apreciadas pela audacia do seu talento, e pela impressão viva que elle nos dá da natureza maritima.

ROLL

Um outro audacioso e um outro arrojado. Das suas telas, a mais reproduzida pela gravura, é este famoso documento das festas do 14 de julho, anniversario da republica franceza. É tambem um artista moderno, de grande futuro, broxando com talento e com largueza telas enormes, onde o artista revela brillantes qualidades de colorido e de composição. Os artistas novos tem por elle grande sympathia, e a prova é que todos os annos é votado para fazer parte dos juries do Salon, — como todos os outros artistas de que hoje damos o retrato.



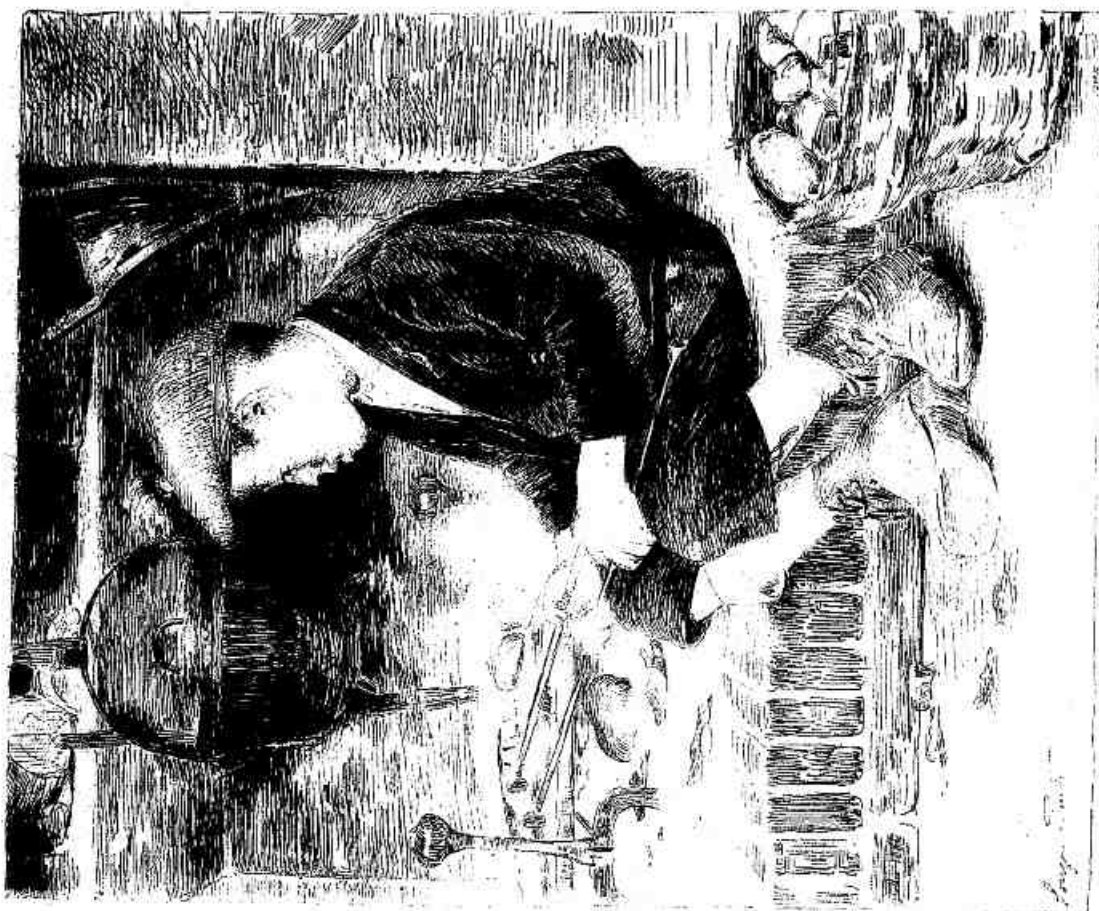
BOULANGER. — CORREIA MÊ DOS GRACHOS.



EMILIE ADAM. — DEPOIS DO TRABALHO



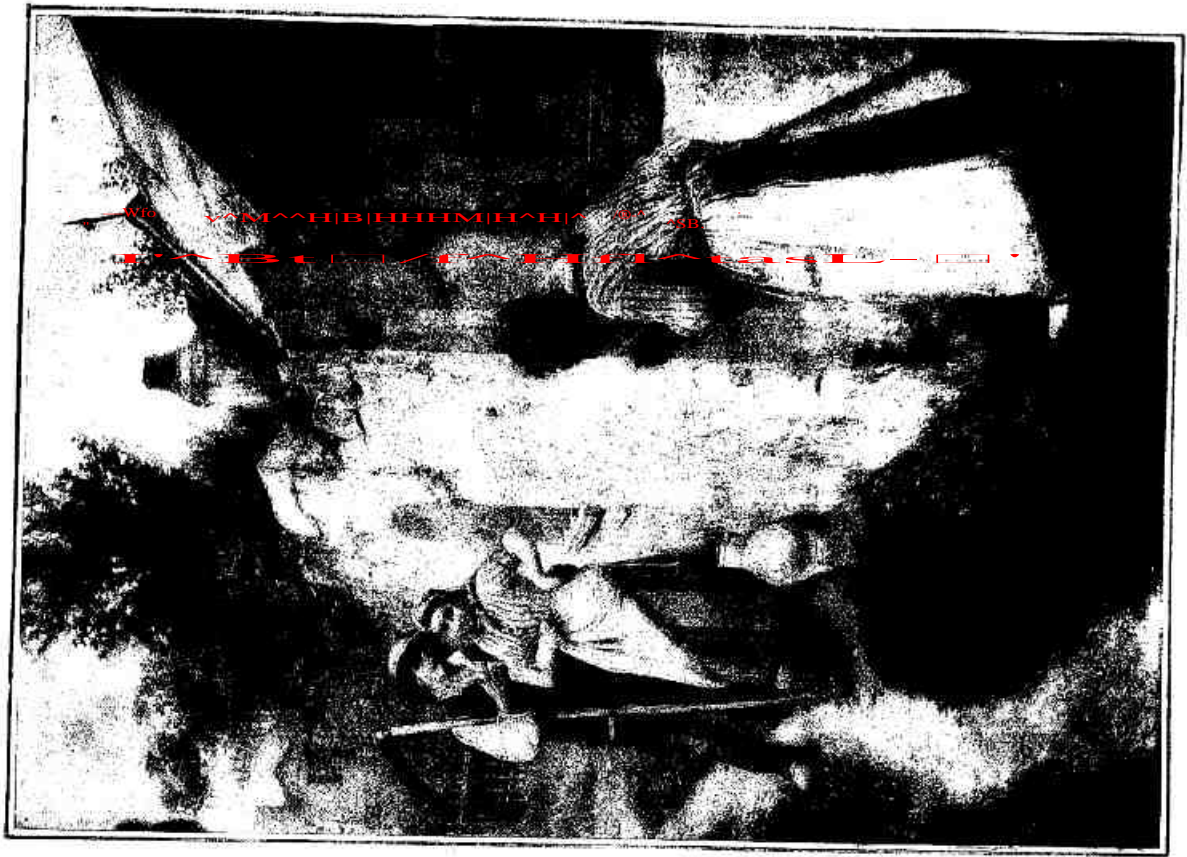
CLAIRIN. — DEPOIS DA VICTORIA, OS MOUROS EM HESPAHIA



SOUZA PINTO. — ANTES DA ESCOLA



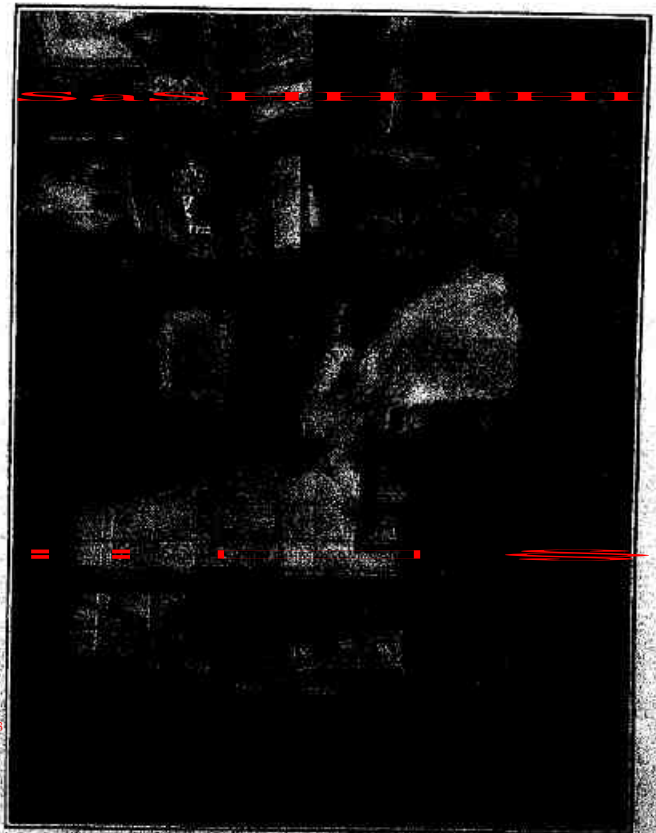
RAMALHO. — RETRATO DE MADAME G. MÉTRA



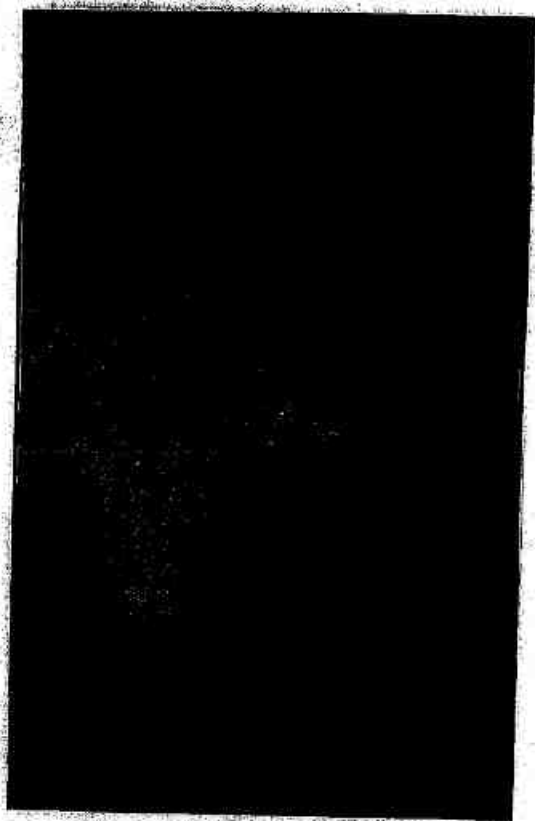
MUSEU DE ARTE E HISTÓRIA



EUGÈNE FAYEN. — ANTES DA TEMPERADE



ROGER JOURDAIN. — UMA NÚTEM



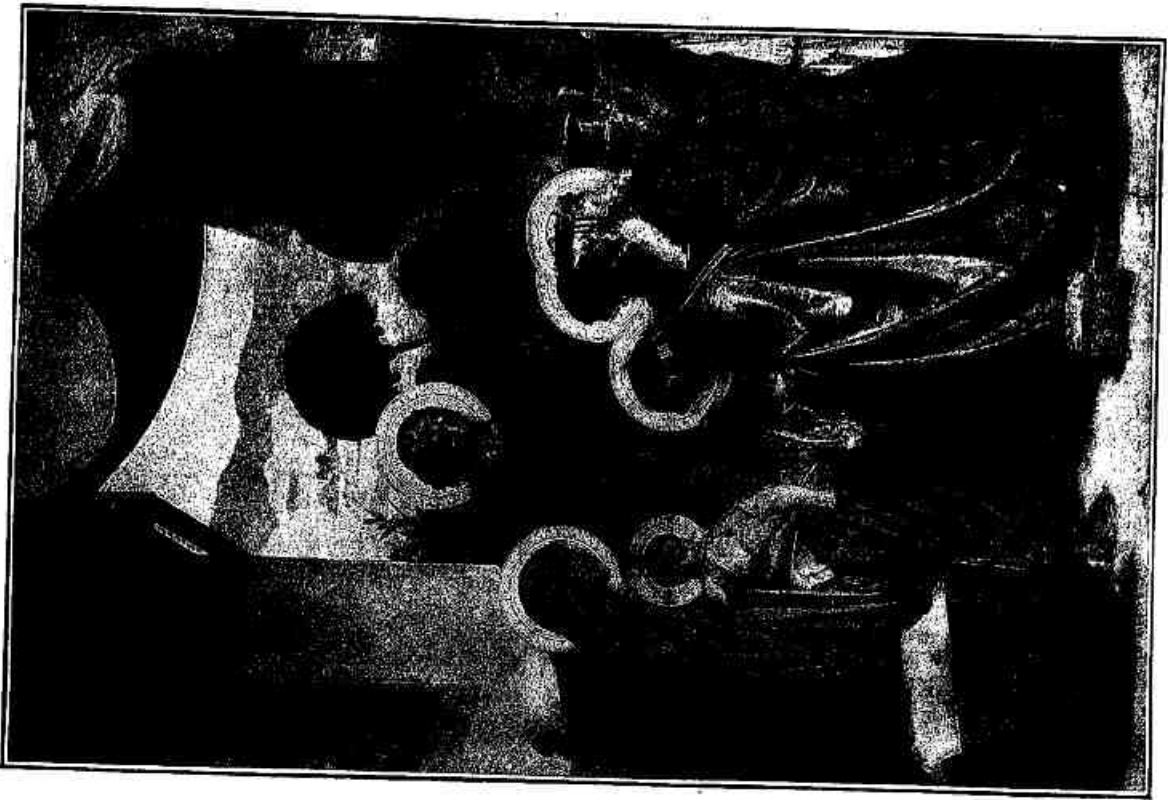
ADOLPHE WEISZ. — O LÍMBO AMOROSO



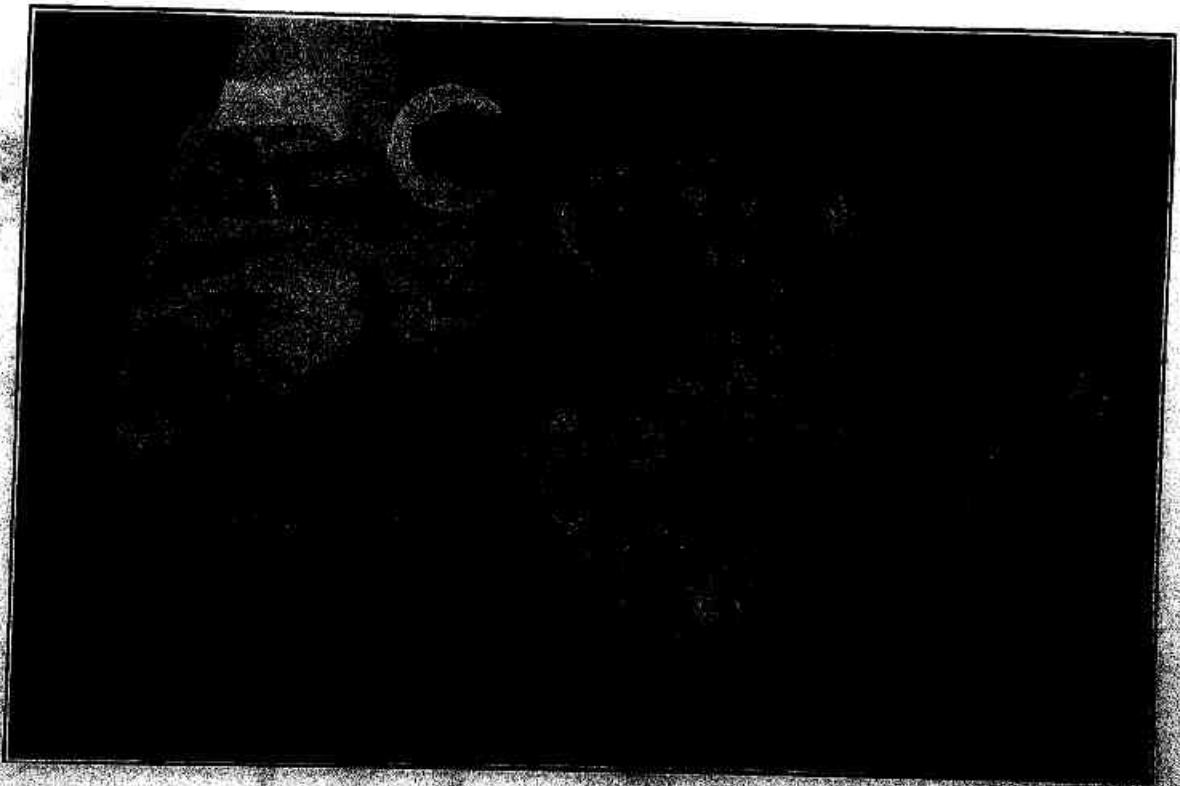
FEYEN-PERRIN. — SCENARIO...



PAUL GROLLERON. — UMA INDICAÇÃO



W. BOUGUEREAU. — A ADOÇÃO DOS PASTORES



W. BOUGUEREAU. — A ADOÇÃO DOS PASTORES

AS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA PRIMEIRA PAGINA

A GRAVURA da nossa primeira pagina representa um magnifico retrato pintado por Léon Comerre, um artista verdadeiramente elegante e essencialmente parisiense que os nossos leitores já conhecem pelo magnifico Pierrot publicado no n.º 4 do 2.º anno da ILUSTRAÇÃO.

A reprodução d'este elegantissimo quadro feminino, d'esta deliciosa fidalguinha Luiz XV, foi-nos expressamente concedida pelo brilhante artista a quem aqui agradecemos a sua extrema amabilidade.

O enquadramento da gravura que traz apenas a rubrica do nosso atelier de gravura chimica, é devido ao lapis do nosso collaborador Francisco Villaga.

O sympathico artista foi um dos nossos mais bellos auxiliares na confecção d'este numero especial do *Salon*. E o seu enquadramento bem mostra a formosura do seu espirito artistico, feito para todas as elegancias e todos os requintes modernos.

O JURY DO SALON

O QUADRO de Gervex é essencialmente curioso, pois que nos mostra o jury de pintura no momento em que se vota a admissão ou a recusa das telas.

Os quadros passam diante do grupo dos artistas eleitos.

Se as bengalas e os guardas-chuva se erguem, o quadro figurará; se ninguém ergue o braço para o applaudir, o quadro morre no esquecimento.

DEPOIS DA VICTORIA

ENTIMOS que a photographia não possa dar uma ideia mais nitida e mais precisa d'esta immensa tela do illustre pintor.

Mas o emprego do vermelho, do amarello e do azul é de tal ordem, e as cores são tão claras e tão frescas, que a photographia pouco poudo obter, chegando mesmo a desaparecer o modelado.

Em todo o caso a nossa gravura ainda pode dar uma ideia d'esta arrojadada tela, onde ha prodigiosas qualidades, a expressão d'um talento vivo e vigoroso, amando a luz, a cor e o drama.

RAMALHO

O nosso estimado e sympathico collaborador expõe este anno no *Salon* de Paris dois retratos. O de *Madame Métra* que a ILUSTRAÇÃO hoje publica, desenhado á penna pelo seu auctor, é realmente primoroso pelas suas brilhantes qualidades de desenho e de colorido.

Todos quantos conhecem o moço pintor portuguez sabem o quanto a sua palleta é rica em cores brilhantes e o quanto o seu desenho é consciencioso e observado.

Ramalho tem ultimamente tocado em todos os generos: retrato, paisagem, quadro de genero. No *Salon* de 83 o successo veio-lhe d'esta preciosa tela que se intitula *Chez mon voisin*. No *Salon* de 85 encontramos nos seus retratos mais uma affirmacção do seu talento, que o tem de lei, e que lhe ha de marcar logar entre os nossos modernos pintores. Assim a coragem o não abandone.

SOUZA PINTO

EM 1883 encontramos-o «menção-honrosa» no *Salon*. A sua tela *Calotte déchirée* é por assim dizer o ponto mais brilhante da sua carreira.

N'estes dois annos Souza Pinto tem continuado a affirmar qualidades superiores de desenhador e de colorista.

É um artista que está senhor da sua mão, e que ha de vir a fazer quadros notabilissimos no dia em que o seu espirito observador mais se desenvolver com o contacto dos livros, do mundo e da natureza. O sympathico pintor portuguez enviou-nos com este *croquis* do seu quadro, o seu retrato, primorosamente feito á penna. N'este numero falta-nos o lugar, mas trataremos de apresentar brevemente esta physionomia aos nossos leitores.

Só nos resta agradecer á grande typographia de Paris onde o nosso jornal se imprime, a rapidez e o escrupulo com que este numero foi executado. Desejariamos toralmente o mais luxuoso e mais rico em gravuras. Simplesmente não sabemos se a nossa tentativa será bem acolhida do publico. Esperemos o que o seja, para que todos os annos a ILUSTRAÇÃO possa mostrar aos seus leitores de Portugal e do Brazil o que é o *Salon* de Paris, que constitue um verdadeiro acontecimento para Italia, Hespanha e Inglaterra.

A ILUSTRAÇÃO publicará no proximo numero 11 ou no numero 12 um curioso trabalho do seu illustre collaborador Theophilo Braga, o brilhante professor do Curso superior de letras, de Lisboa.

EPILATORIOS DUSSEY! (Pasta Epilatoria e Pelivora)

PARIS. — 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, 1. — PARIS



— Sem hesitação, V. Ex.ª rejuvenesce d'um anno todos os mezes. O Tempo sorri-lhe.

— Não se trata de Tempo! Quem fez o milagre é a Pasta Epilatoria.

— Aqui em segredo, o que faz de seu buço?

— Foi a minha salvação a Pasta Epilatoria.

Antes da Pasta Epilatoria e da Pelivora:

Depois da Pasta Epilatoria e da Pelivora:

— Lili! — Não vêa aquella senhora que antigamente usava bigode? Faz agora a barba.

— Não; tirou-o com a Pasta Epilatoria que a mamã já tem em casa...

— Horível creatura cujo queixo do resce.

— Pella lista de rosas e de lírios, braços de neta.

— Minha querida, toma os braços mais puros que o marfim.

— Graças a Pelivora de Dussey.

— Não me esqueça do nome.

[illegible]

AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO.»

MAZURKA

F. CHOPIN

Op. 30 - Nº 1

Allegretto non tanto

PIANO. *p*

2º Fm at Coda pour finir

con anima

dimin *poco ritm*

Coda *dimin*

D.C. *Ped.* *☆*